

A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA

29 OUT'10 a 01 MAI'11

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO SALA DO CAPÍTULO

museu
de angra do heroísmo

biblioteca pública
e arquivo regional
de angra do heroísmo

1910
TERCEIRA
REPUBLICA
NOS AÇORES

FICHA TÉCNICA EXPOSIÇÃO

conceção	Carlos Enes
produção	Museu de Angra do Heroísmo / 2010
coordenação	Helena Ormonde
realização	Heliodoro Silva / J. Olivio Rocha / Paulo Lobão
agosto técnico-científico	José Avelino dos Santos / BPARAH
restauração	Arnau Nomdedéu
conservação	Augusto Vilaça / Denatilde Silva / J. Gabriel Romeiro
montagem	Augusto Vilaça / Eleutério Pimental / Carmelo Amarante / Luis Borges / Norberto Bettencourt
design / execução gráfica	BIZEX Projectos
patrocínio	Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

FICHA TÉCNICA CATÁLOGO

edição	Presidência do Governo Regional dos Açores Direcção Regional da Cultura Museu de Angra do Heroísmo / 2010
coordenação	Helena Ormonde
texto	Carlos Enes
fotografia	Paulo Lobão
design / execução gráfica	BIZEX Projectos
ISBN	978-972-647-246-9
deposição legal	318556/10
fragmen	500 exemplares

A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA

Exposição Comemorativa
do Centenário da República
nos Açores

29 OUT'10 a 01 MAI'11

MUSEU DE ANGRA DO HERÓISMO SALA DO CAPÍTULO

museu
de angra do heroísmo

biblioteca pública
e arquivo regional
de angra do heroísmo

1910
COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPUBLICA



1910
COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
da cidade de horta

biblioteca pública
e arquivo regional
da cidade de horta

A importância da imprensa terceirense aquando da I República é considerada incontornável, mas não será propriamente um tema muito conhecido e divulgado entre nós – como costuma, aliás, suceder, com os tempos que estão, ainda, muito próximos –, razão pela qual se entendeu e ambicionou contribuir para o seu aprofundamento, ao preparar esta exposição integrada nas comemorações do Centenário da República.

Com esta exposição não se procurou, apenas, expor alguns dos primeiros jornais e das máquinas mais antigas das tipografias da ilha, esperou-se, de algum modo, tornar presentes as ideias, os anseios de uma nova sociedade e de um novo mundo e os próprios medos vividos pela gente da Terceira, nas primeiras décadas do século XX, com a agitação social provocada por uma mudança de regime político.

Hoje, ninguém ousará questionar os valores da liberdade, da educação, da ciência e da separação de poderes que inspiraram a revolução republicana de 5 de Outubro e que são tratados por esta exposição. Mas pode-se, quiçá, ignorar que estes resultaram de uma lenta e, por vezes, atribulada evolução, cujas origens remontam, pelo menos, aos finais do século XVIII e pelas quais se morreu. De certo modo, estes documentos permitem-nos a imaginar as perturbações que a defesa doutrinária de tais valores e ideias terá desencadeado na quietude das ilhas dos Açores.

Certamente que, junto, vêm outros assuntos da vida local, figurando entre estes especialmente "as novidades", algumas delas representativas das grandes invenções do século, que despertaram, ao mesmo tempo, o deslumbramento e o medo.

Como se sabe, a estrutura da sociedade, quer insular, quer nacional, não mudou – as leis e as práticas continuaram a ser ditadas pela força dos laços sociais e pelo poder das crenças próprios de uma sociedade rural. Mas, através destes documentos, é possível assistir, de algum modo, às pressões e reacções a que estas estruturas começam a ser submetidas. Vislumbram-se mesmo algumas pequenas frestas por onde passaram ventos de mudança ou fracturas onde se criaram as condições para o enraizamento das nossas formas de estar e de pensar. É, pois, em pontos como estes que se espera reter a atenção de quem visitar esta exposição.

Helena Ormonde

Directora do Museu de Angra do Heroísmo



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA



1910
COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
da imprensa

biblioteca pública
e arquivo regional
da cidade de Horta

A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA

A imprensa, trazida para o arquipélago, em 1829, pelos liberais que aqui aportaram, alcançou uma dinâmica ímpar no conjunto nacional. Tendo em conta a dimensão populacional, a riqueza do jornalismo açoriano equipara-se à das grandes cidades do país na proliferação de títulos, nas mais diferentes épocas.

A história deste vasto universo está por fazer e não é tarefa fácil determinar o número exacto de publicações periódicas existentes no arquipélago. Um estudo comparativo entre os registos de títulos que compulsámos na Biblioteca Nacional de Lisboa e o catálogo editado pela Biblioteca Pública e Arquivo de Ponta Delgada, em 1995, permite concluir que, até ao presente, se aproxima do milhar, incluindo jornais, revistas, almanaques e boletins. Este total fica muito aquém dos cálculos dos mais optimistas que apontam para o dobro.

No conjunto dos painéis que constituem esta exposição, foram traçadas as características gerais da imprensa e destacados alguns temas sobre a vida política, social e cultural na I República, que foram sobejamente tratados nos jornais.

Carlos Enos
Comissário da Exposição



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

Bancada tipográfica

Mesa de composição
Fabrico local, séc. XX
Madeira e metal
MAH R.2008465



1910
COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
da imprensa

biblioteca pública
e arquivo regional
de angra do heroísmo

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA IMPRENSA

A imprensa açoriana patenteia uma forte dinâmica que se expressa na acutilância da linguagem, no confronto de ideias, directo e desassombrado, na crítica às irregularidades administrativas ou no enérgico debate ideológico e religioso. A grande mudança de postura verificou-se com o cinzentismo do Estado Novo, resultante da censura e da falta de cotejo ideológico. No período posterior ao 25 de Abril, passados os rescaldos do "Verão Quente", o discurso do politicamente correcto banuiu, durante vários anos, o sal e a pimenta, o humor satírico e a frontalidade habitual que enchiam as páginas de muitos periódicos de antigamente.

No que respeita à qualidade literária, a nota não deixa de ser positiva. As elites locais, ao revelarem os seus dotes de escrita, evidenciaram um bom nível cultural e o conhecimento dos problemas que atravessavam o mundo em cada momento. As mais diversas temáticas estiveram sempre presentes, facilitadas pelas ligações ao exterior, através da navegação marítima nacional e estrangeira, ao longo do século XIX, e pela entrada em funcionamento do cabo submarino, o que facilitou o aparecimento de jornais diários. O período em que decorreu a I República caracteriza-se por ser rico em quantidade, mas alguns periódicos são bem mais pobres na qualidade. Um maior empenhamento de estratos da população com menor formação académica, uma maior democratização da sociedade, que trouxe para a ribalta cidadãos marginalizados durante a monarquia constitucional, o imediatismo e a efervescência da luta política foram, de certo modo, inimigos da melhor qualidade.

No que respeita aos conteúdos, a imprensa de propensão mais política ocupava a quase totalidade das suas 2 ou 4 páginas com questões locais, para atacar os adversários em todas as frentes, ou então transcrevendo artigos dos líderes dos grandes partidos que acodiam ao governo; a imprensa mais informativa equilibrava-se entre as notícias nacionais e as estrangeiras, predominando estas no período da I Guerra, em que se relatou a evolução dos acontecimentos. Os anos 20 caracterizaram-se por um olhar mais atento ao desenvolvimento local, dando relevo às indústrias locais e a todas as iniciativas que contribuíssem para o progresso económico da ilha.

A imprensa da Terceira era o espelho e de certo modo o motor da vida em sociedade, com predominância para o espaço citadino. Se as notícias sobre a vila da Praia ainda surgiam com alguma regularidade nas páginas dos jornais, as freguesias rurais praticamente ficavam votadas ao esquecimento, excepto na imprensa ligada à Igreja, que recebia correspondência regular dos párocos.



ALGUNS DADOS ESTATÍSTICOS

Uma breve análise à imprensa publicada nos Açores e especialmente na Terceira revela algumas mudanças que merecem destaque.

Com o derrube da monarquia, alteraram-se as lideranças políticas e os mensageiros construtores da opinião pública. Desta modo, em todo o arquipélago extinguíram-se, durante a I República, 24 jornais provenientes da Monarquia, um terço dos quais em 1911, havendo apenas uma dezena a atravessar todo o regime republicano.

No curto período de vida republicana, fundaram-se 159 periódicos na região, dos quais 140 se extinguíram no próprio regime. Os restantes 19 prolongaram-se pela Ditadura Militar e pelo Estado Novo, mas a maioria não foi além de 1928.

Jornais fundados e extintos nos Açores durante a I República

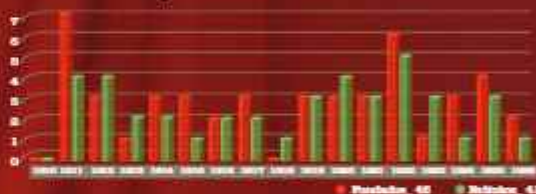


Numa distribuição por ilhas, fundaram-se em São Miguel, neste período da I República, 60 jornais (37,7%), na Terceira 46 (28,3%) e no Faial 23 (14,4%). Ou seja, as três ilhas capitais de distrito monopolizaram 80,4% dos títulos editados.

A duração destas publicações, incluindo as que eram provenientes da Monarquia, foi na grande maioria de curta duração: 44,1% não alcançaram um ano de vida e 17,1% só chegaram aos dois anos, em todo o arquipélago.

No que respeita à ilha Terceira, as tendências não são diferentes das registadas no conjunto da região. Cinco periódicos provenientes da Monarquia extinguíram-se até 1913, e só dois continuaram a imprimir-se ao longo do regime republicano: o *Boletim do Governo Eclesiástico dos Açores* e o diário *A União*, um jornal conservador, que acabou por ser adquirido pela Igreja, em 1924. Dos 46 periódicos publicados ao longo da I República, 41 extinguíram-se no próprio regime. Os 5 que sobreviveram ao golpe militar de 28 de Maio acabaram por sucumbir pouco depois.

Jornais fundados e extintos na Terceira durante a I República



A duração das publicações revela a mesma tendência verificada a nível regional: 30 (56,6%) duraram um ano ou menos, 6 (11,3%) alcançaram os dois anos e 5 (9,4%) não ultrapassaram os três anos, o que corresponde a 77,3% do total dos periódicos publicados na ilha. A periodicidade dominante recai nos semanários (65%), cabendo cerca de 15% aos diários (6), mas todos de curta duração, com exceção de *A Verdade* (1911-24), jornal da Igreja, e de *A União*, com publicação iniciada em 1883.

Período de duração dos jornais nos Açores e na Terceira (1910-26)



Orbita os precedentes da Monarquia e os que se prolongaram pela Ditadura Militar

1910
COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA NOS AÇORES

museu
de arquivística e história

biblioteca pública e arquivo regional
do arca do património

PLURALISMO IDEOLÓGICO

Os jornais terceirenses reflectem as mais variadas tendências políticas, com predominância para as facções republicanas mais conservadoras. O Partido Unionista foi o que conseguiu manter uma informação mais assídua, através de vários periódicos que se iam sucedendo, como por exemplo *O Districto* e *A Defesa*; o Partido Republicano Português, também conhecido por Partido Democrático, foi vítima de cisões internas a partir de 1919, o que levou a uma proliferação de jornais de muito curta duração, cujo objectivo era mais o ajuste de contas entre os militantes do que a propagação dos princípios republicanos. Veja-se *O Povo*, *Novidades* e *O Liberal*.

O radicalismo anticlerical, que se exprimia através de alguns jornais na Monarquia, só continuou a expressar-se com bastante vigor nos primeiros anos da República. Embora defendessem a separação da Igreja face ao Estado, a moderação foi ganhando terreno, para evitar mais conflitos. Dos mais radicais, apontem-se *O Athleta*, *O Tempo*, *A Luta* ou *O Trabalho* com textos mais violentos contra o clero.

A Igreja sustentou publicações com bastante influência na formação das mentalidades. Sob a sua direcção, manteve o *Boletim do Governo Eclesiástico dos Açores*, *A Cruz*, boletim da paróquia da Sé (1914-17), mas com conteúdos que iam para além da mera informação paroquial, *Prelúdios*, órgão do Seminário de Angra (1924-28), *A Verdade*, jornal diário (1911-1924) e *A União*, adquirida pela diocese em 1924.

O jornal *A Verdade* era o mais militante e o encorajador da acção do clero. A 20 de Fevereiro de 1914, defende ser necessário que a “voz do pastor ultrapasse as paredes do templo” e que o “cura d’almas pregue fora da igreja, no adro, na praça pública, nas associações de classe, nas reuniões da sociedade e em cada lar doméstico”. A mesma militância activa virou-se contra a política dos Democráticos, vergastando constantemente Afonso Costa e os seus correligionários, bem como dirigentes nacionais de outros partidos. A estratégia era a de desacreditar o regime, mostrando as desinteligências e evidenciando a incompatibilidade de alguns actos com o cristianismo. E na retrega religiosa não se deixou intimidar, procurando ligar os adversários à maçonaria.



A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA



O Imparcial

FOLHA SEMANAL

DIRECTOR, PROPRIETARIO E EDITOR—Gervásio da Silva Lima.



Redacção, administração e typographia

RUA de JESUS—51

PRAIA DA VICTORIA

ASSIGNATURA

Mex ou quatro números..... 125 reis

Avulso..... 50 "

Valioso brinde ao fim do anno.

ANNUNCIOS

Linha..... 40 reis
Anunciam-se publicações mediante
um exemplar.

Também se publicou durante algum tempo um jornal de ficção monárquica — *Diário* (1912-14) — que encorrou com a morte do seu director, José Augusto da Silva Sampaio, num desastre.

A classe trabalhadora não conseguiu manter um porta-voz com alguma influência. No auge da maior eflorescência sindical, publicou *O Trabalho* (1917-20), com periodicidade quinzenal. Uns anos antes (1915), Aurélio Quintanilha tentara que *A Lanterna* iluminasse as mentes do proletariado, mas em vão. Saíram apenas dois números deste periódico anarquista, porque foram feitas ameaças às tipografias que o imprimissem.

Dos jornais com características culturais, destaque-se os que foram dirigidos por Gervásio Lima, o *Estrela d'Alva*, sob a coordenação de Vitorino Nemésio, durante algum tempo, e propriedade de Manuel Joaquim de Andrade, o homem que mais dinamizou a imprensa terceirense.

A maioria dos periódicos publicou-se em Angra do Heroísmo, destacando-se para a Praia da Vitória *O Imparcial* (1907-13), *O Popular* (1914-15) e *A Praia* (1923).



1910
COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
de arqueologia e património

biblioteca pública
e arquivo regional
de angra do heroísmo



JORNALISTAS E COLABORADORES

Dos jornalistas com maior intervenção, uns na qualidade de directores de jornais, outros como simples colaboradores, sobressaem Gervásio Lima, Miguel Forjaz, José Sebastião d'Ávila Júnior, António Ramos Moniz de Sá Corte-Real, Amado Monjardino, Inácio Cardoso Valadão, António Raimundo Belo, Agostinho José Vieira d'Araújo, António Carvalho Braga (João das Ilhas), José Augusto da Silva Sampaio, Braga Pabão, Luís da Silva Ribeiro e Vieira Mendes. A colaboração feminina era ainda muito escassa na época: destaque-se M.ile Sant Felice, pseudónimo de Mercês Simas, e duma forma mais esporádica a nível da poesia, Filomena Serpa e Maria do Céu (pseudónimo).

A actividade jornalística era exercida conjuntamente com outras profissões que garantiam o sustento dos directores ou dos colaboradores mais assíduos dos periódicos. Uns na qualidade de funcionários públicos, outros com pequenos negócios, geriam o seu tempo de modo a satisfazerem o gosto pela escrita e pela comunicação.



O escritor sr. G. Lima, por M. R.

Caricatura de Gervásio Lima
© A Vingança, 1925



José Augusto da Silva Sampaio
[1852-1914]
© Col. Carlos Eines



Manuel Vieira Mendes da Silva
[1862-1927]
© Col. Carlos Eines



António Carvalho Braga
[1865-1967]
© Museu de Santa Maria



Vitorino Nemésio
[1901-1978]
© Col. Gonçalo Nemésio

A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

Preto

Golding Pearl

Golding & C.ª

Boston, EUA, 1900

Ferro

MAH R.20101956



1910
2010

COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
de arte e história

biblioteca pública
& arquivos regionais
de arte e história

A QUESTÃO RELIGIOSA

A questão religiosa, surgida após a publicação da legislação sobre a separação da Igreja face ao Estado, proporcionou atitudes apaixonadas de ambos os lados.

O jornal *O Athleta* (9-2-1911), representativo dos sectores mais radicais, marcou firmemente a sua posição: "Urge não descansar um momento em guerrear com perseverante tonicidade a libertina conduta da maioria do clero, inadmissível na actualidade. A acção e domínio de relaxadas corujas agoirentas são nocivos; o que é daninho extermina-se".

Mas a imprensa religiosa também não deu tréguas e ripostava: "Então temos outra vez o Afonso Costa no poder?! Pois é verdade; para mal dos nossos pecados, estamos outra vez debaixo do calcanhar do ferro do mais feroz inimigo da Igreja, aparecido até hoje em Portugal" (*A Cruz*, 9.12.1915).

Este confronto mais acirrado foi, contudo, diminuindo a partir de 1914. A própria imprensa republicana desviou-se do assunto, dado que outros problemas, nomeadamente a I Guerra e as questões sociais, foram passando para primeiro plano.



Depois redactorial do jornal *O Tempo*, conhecido pela sua posição anticlerical e ligação à Maçonaria. Sentados, da esquerda para a direita: Tenente Jaime Vaz, Costa Reis (Oficial da Alfândega), Reis e Almeida, Tenente Manuel Caetano, Belchior de Figueiredo (Delegado do Tesouro), José Augusto dos Santos (Reitor do Liceu), Tenente Francisco Oliveira (Comandante da Guarda Fiscal) e Arnaldo Monjardino (comerciante).
© Col. Carlos Eves



© Col. António Vitorino

A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

Professores e alunos
do Liceu, 1923
© Museu da Água do Hambrão



1910
COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
da água do hambrão

biblioteca pública
e arquivo regional
rua do comércio, 100

A EDUCAÇÃO BASE DA CIDADANIA

A educação foi outro dos temas que mobilizou vontades de todos os quadrantes políticos da sociedade, embora a Igreja tivesse assumido uma posição frontal contra a laicização do ensino, defendendo que a "formação moral e intelectual da juventude" devia ter um "fio do pensamento divino".

A defesa de uma instrução gratuita e o combate ao analfabetismo foram princípios amplamente difundidos e reclamados pelos republicanos, com o objectivo de formar cidadãos livres e conscientes. Nesse sentido se pronunciou *A Democracia* (26.11.1911):

"Um povo será tanto mais livre e progressivo quanto mais instruído for. (...) A escola popular deve formar cidadãos livres, dignos desse nome, e formar consciências dignas da liberdade (...). É preciso que o ensino seja gratuito, obrigatório, patrioticamente cívico, que é a força de defesa das nações".

O esforço empregue na educação acabou por dar alguns resultados. O combate ao analfabetismo traduziu-se na redução da percentagem de analfabetos, no distrito de Angra, de 70,6%, em 1911, para 66,3%, em 1930.

As escolas móveis tiveram um papel importante nesse combate: no ano de 1926, funcionavam no distrito 16 dessas escolas, com 869 alunos – 498 rapazes e 321 raparigas. A frequência dos alunos no ensino secundário apresenta também índices de crescimento relevantes:

Frequência dos alunos no ensino secundário

Anos	Uceu		Escola Madeira Pinto	
	Alunos	Alunas	Alunos	Alunas
1909-10	86	1	91	31
1929-30	134	9	129	53



Cartilha Maternal (2.ª parte) João de Deus

Imprensa Portugal
Lisboa, 1927
Museu de Angra do Heroísmo

Primeiras Lições de História de Portugal

Acácio Guimarães e Marcelino Mesquita
M. Gomes – Editor
Depósito-Livraria Popular de Francisco Franco
Lisboa, 1915
Coleção particular

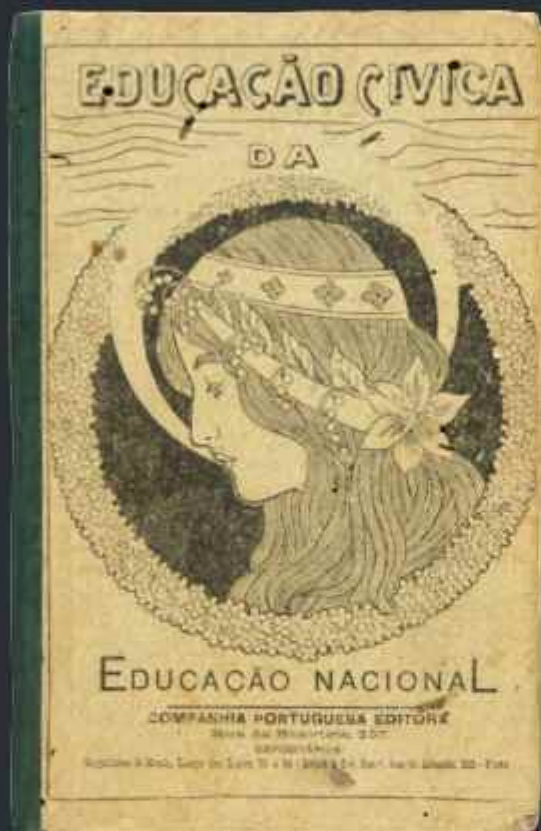
A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

Educação Cívica
da Educação Nacional
Companhia Portuguesa Editora
Porto, séc. XX
Museu de Angra do Heroísmo

Corografia
Série escolar Figueirinhas
Livreria e Imprensa Civilização
Porto, séc. XX
Museu de Angra do Heroísmo



1910
COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOSAÇORES

museu
de angra do heroísmo

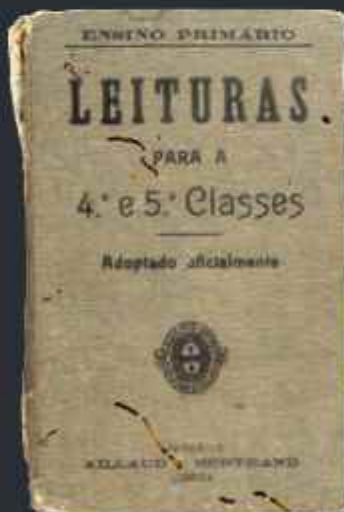
biblioteca pública
& arquivos regionais
de angra do heroísmo



Cartilha Maternal ou A Arte da Leitura
Método João de Deus,
19.ª edição
Lisboa, Imprensa Nacional, 1907
Colecção particular



Os Deveres dos Filhos
Tradução de João de Deus
20.ª edição graduada
Lisboa, Imprensa Nacional, 1909
Colecção particular



Leituras para a 4.ª e 5.ª classes
Livrarias Allaud e Bertrand
Lisboa, séc. XX
Museu de Angra do Heroísmo



Agricultura
Série escolar Figueirinhas
Casa Editora de Figueirinhas e C.ª
Porto, 1915
Museu de Angra do Heroísmo



A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA

A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

Festa da Flor, 1922
© Out. Daniel Elias



1910

COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
das artes e do património

biblioteca pública
e arquivo regional
de angra do heroísmo

A LENTA LIBERTAÇÃO DA MULHER

O papel da mulher na sociedade, tema tratado essencialmente por homens, é bem revelador das mentalidades conservadoras, mais acentuadas nas hostes ligadas à Igreja, mas também existente em muitas franjas dos republicanos.

O jornal *O Domingo* (28.5.1911) defendia que a “abnegação é um dos dotes essenciais à esposa; todo o egoísmo deve ser por ela repellido (...). A mulher deve estudar os gostos e o temperamento do marido, e conformar-se com eles”. Por seu turno, *A União*, (18.8.1925) recomendava: “Não se mostrem, não se descomponham que o que vos faz amadas e respeitadas é o Recato, é a Vergonha, é o Pudor”.



Cotillon no Tennis Club, 1913
© Col. Carlos Erosa

No sector republicano, as posições vanguardistas foram expressas por Ávila Júnior: “Ela não pode fazer um movimento, executar uma ideia, manifestar um pensamento, proferir numa palavra, intentar uma obra sem a prévia autorização do marido, “quo é seu senhor”, quer ele seja um sábio ou um ignorante, um santo ou um malvado” (*A Pátria*, 5.2.1925).



Mulheres a cavalo, 1922.
© Col. Carlos Erosa



Rapangas de bicicleta, 1914.

Apesar de todo o envolvimento castrador, a mulher foi-se libertando no período da República. Nos anos 20, são bem evidentes os sinais de mudança, não só em algumas ideias propagadas como no comportamento das próprias mulheres, mais libertas de alguns espertinhos. Participavam com mais à vontade nos bailes das sociedades recreativas, passeavam-se de bicicleta ou de cavalo, organizavam festas públicas e colaboravam nolas, como por exemplo, em verbenas ou batalhas de flores.



A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA

Máquinas da indústria tabagreira
© Museu do Arque do Helder

Formador de brinde da "Flor d'Angra"
© Cof. Lúcia Miniz



1910
COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
do arquipélago dos Açores

biblioteca pública
e arquivo regional
de angra do heróismo

A DEFESA DA INDÚSTRIA LOCAL

A defesa dos interesses económicos locais, face à concorrência externa, acentuou-se neste período da República. A supremacia da indústria tabaqueira micaelense, com liberdade para vender no mercado da ilha, sem que as mesmas facilidades fossem concedidas às fábricas da Terceira para entrarem em São Miguel, levou à adopção de estratégias de marketing nunca usadas pelas próprias empresas, como por exemplo a oferta de brindes, e a uma campanha para o consumo de produtos locais, dos mais variados ramos. Havia uma nítida consciência da fragilidade da indústria da ilha, mas era frequente cair-se no extremo oposto, alcançando uma iniciativa inovadora como o expoente máximo do progresso e da modernidade.

A indústria terceirense caracterizada pela sua fraca dimensão apresentava como sectores modernizados uma fábrica de lacticínios em Santa Bárbara, a Fábrica de Curtumes Terceirense, fundada em 1918, e considerada uma das melhores da Península Ibérica, e as duas fábricas de tabaco: a *Flor d'Angra*, fundada em 1887, mas remodelada em 1918, após a sua aquisição por José Braz, e a *Âncora*, com actividade iniciada em 1923.



Brinde "Flor d'Angra"
© Col. Luísa Mexia



Fábrica de curtumes, tanques de tratamento do cabedal
© Museu do Angra do Heroísmo



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

Prelo

H. Julien

Bruxelas, Bélgica

Séc. XX (1.ª quartel)

Ferro

MAHR20101957



1910
2010
COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
da imprensa

biblioteca pública
& arquivos regionais
da língua da Ilha da Terceira

A imprensa desempenhou um papel importante na defesa dos interesses locais, realçando a ligação entre o bem-estar social e a prosperidade das empresas, geradora de mais empregos. Dentro deste espírito se publicavam diversas reportagens sobre as indústrias locais e se renovava o apelo para o consumo de produtos da terra.



Drinde (verso). Fábrica de Tabaco Ancora, séc. XX (1.ª metade)
Coleção particular



Máquinas da indústria tabaqueira
© Museu de Angra do Heroísmo



Embalagens de tabaco

Fábrica de Tabaco Ancora
Tipografia Luzitânia -- Gaia
Séc. XX (1.ª metade)
Museu de Angra do Heroísmo



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

Apresentação da peça
Rosas e Cálculos, 1913
O SEBRAH



1910
COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
de arquivos e documentos

biblioteca pública
e arquivo regional
de Angra do Heroísmo

A CULTURA SEMPRE PRESENTE



Jornal *O Imparcial*, Praia da Vitória

A componente cultural preencheu muitas páginas da imprensa terceirense, havendo periódicos em que esta linha editorial era assumida por inteiro; contudo, os outros não deixaram de abrir as suas colunas a colaboradores que iam ensaiando os primeiros voos literários. A poesia de autores açorianos marcou presença ao lado dos grandes poetas nacionais; os folhetins, embora caindo em desuso, ainda proliferavam em vários jornais; os contos e as crónicas literárias desvendavam novos candidatos a escritores. Quem folheia os jornais encontra muitos nomes que não deixaram rasto, mas também ali figuram os que se afirmaram a nível regional ou os que rasgaram as ondas da insularidade e se projectaram no continente português.

Os jornais dirigidos por Gonçalves Lima, ou a *Estrela d'Alva*, sob a direcção de Vitorino Nemésio, distinguiram-se da restante imprensa pela qualidade dos seus textos.



Vitorino Nemésio
© Jornal *Estrela d'Alva*

CÁ POR CASA



Auto-caricatura de M. Ramos:
Onde elas se fazem aí se pagam.

A presença feminina era mais rara e geralmente surgia sob a forma de pseudónimo. A poetisa Filomena Serpa deu à estampa vários poemas inéditos e a escritora M.ile San-Félice, pseudónimo de Mercês Simas, foi colaboradora assídua do jornal *A Cidade*. Na área da caricatura, Maria Ramos revelava já o seu talento.

As páginas dos jornais estavam também abertas à crítica teatral e cinematográfica, tendo-se consolidado, neste período da República, a adesão popular às sessões de cinema nos meios urbanos. Para este fenómeno muito contribuiu o papel exercido pelos jornais, não só em termos de propaganda, mas também pelo carácter formativo que imprimiam às crónicas.



A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA

A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

Nasceram, 1919
© Museu do Arquipélago da Madeira



1910

CELEBRAÇÃO DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu

biblioteca pública
& arquivo regional
de arquipélago da Madeira

A VALORIZAÇÃO DO DESPORTO E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

"Preparar a mocidade para a vida na mais larga acepção desta palavra, tal é o objectivo que todos reconhecemos como o fim da educação (...). Mas não basta que cuidemos do espírito, torna-se imprescindível que tratemos do desenvolvimento do corpo" (*O Desporto*, 10.7.1921).

A defesa da cultura física, para uma harmonia mais perfeita entre o espírito e o corpo, era apresentada como apanágio de povos desenvolvidos, na opinião de José Agostinho: "Os povos, em que é elevado o grau de cultura do espírito, são também aqueles em que a educação física merece maior atenção" (idem, 31.7.1921).

O Grupo de Ginástica Amadores "Os Lusos", fundado em 1922, incorporou estes valores, treinando num ginásio que funcionava da sede do Lusitânia.

No período da República, alguns desportos foram praticados, como o ténis, o boxe, a luta greco-romana, a corrida, a natação, mas o que mais se popularizou foi o futebol. Lentamente, o futebol conquistou a juventude terceirense da cidade de Angra, passou depois para a Praia e instalou-se em algumas freguesias rurais, com destaque para a Serrota, Lajes e Vila Nova.



Equipa do Vilanovense, 1925.
© BRVAH

O interesse por este desporto ficou bem patente no espaço que ia ocupando nas páginas da imprensa.

A dinâmica desenvolvida levou à criação da Liga de Educação Física, antecessora da Associação de Futebol, que impulsionou a actividade física, promovendo palestras e festas desportivas. Foi também a organizadora do primeiro campeonato açoriano, em que saiu vencedor o Lusitânia, frente a uma equipa de São Miguel, em 1925.

A inauguração do campo de jogos da cidade, em 1924, melhorou as condições da prática desportiva que antes se desenvolvia no Relvão e no antigo Convento da Graça, no Alto das Covas.



Festa desportiva no Relvão, 1921.
© Museu de Angra do Heroísmo



Campo de jogos em Angra do Heroísmo.
© Museu de Angra do Heroísmo

O futebol juvenil deu também os primeiros passos. Em 1912, existiam, pelo menos, duas equipas: a do Angra Sport Club e a do Club Foot-ball Angraense.



Pastelaria Braz
ARMANDO BRAZ & C.^{IA}

Doces finos Paão doce Bolachas Biscoitos
Champagnes Vinhos do Porto
Licores Cervejaria e gelados
Leite Chá e Café
Tabacos nacionais e estrangeiros

TERCEIRA ANGRA DO
HEROISMO
AÇORES



1910

COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
da república

biblioteca pública
e arquivo regional
de angra do heroísmo

A PUBLICIDADE

Os hábitos de consumo de uma sociedade são reveladores do seu nível de vida e da sua forma de estar. Através dos anúncios que proliferavam na imprensa, e que eram a sua fonte de receita, é possível sentir o pulsar das novidades que iam chegando ao mercado e das alterações graduais que se iam registando no quotidiano. A publicidade dirigia-se às mais diversas camadas sociais e no período da República eram evidentes os sinais de uma sociedade aberta ao consumo, com incidência nos meios urbanos.



A União, 1922



A União, 1924



O Distrito, 1913



O Distrito, 1913



A União, 1924



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPUBLICA

Tipos
pertencentes à bancada
tipográfica (pág. 06)
Museu de Angra do Heroísmo



1910
COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
de Angra do Heroísmo

biblioteca pública
e arquivo regional
de Angra do Heroísmo

As quadras festivas do Natal, Carnaval e Páscoa eram os momentos de maior propagação dos anúncios relacionados com a alimentação, para todos os gostos e bolsos.

A mulher era o alvo preferencial dos anunciantes. Vestuário, adornos e produtos de beleza marcam presença constante nos diversos periódicos, em todas as estações do ano.

Para o Natal
Bolos de massa sovada
de diferentes preços
 Recebem-se encomendas
Pastelaria rua da
Esperança

A União, 1910

Maquinas "Singer," para coser



As melhores e as mais baratas que já foram feitas no mundo, sendo de toda a máquina «super» fabricada no diaz.

Vende-se a prestação e a instalação com garantia de 30 dias. Temos uma variedade de todos os modelos, para o que há sempre uma máquina de preço, tipo, qualidade e tamanho.

Diferente sempre das outras por ser a das melhores que não se alteram com o tempo, e que não precisam de muito cuidado.

Rua Direita n.º 97 e 99

O representante para o Brasil,
José Borges Carneiro

A União, 1924



NO PRIMEIRO DE MAIO
Papas Grossas
 Na Pastelaria Atanasio

A União, 1922

Sunlight Sabão

O melhor para lavar roupa e casa doméstica.

POUPA INCOMMOD. POUPA TEMPO
A ROUPA TORNE-SE COMO NOVA.

Não há necessidade de lavar e machucar a roupa até a tempo.

Vende-se na Loja Adão

A União, 1925

FATOS

PARA BANHO
MUITO BARATOS

Magalhães & Sobrinho Lda

A Vanguarda, 1926

O verdadeiro Espartilho
"Flora,"



Ótimo espartilho em tecido listado, muito comprido da cinta para baixo.

E guarnecido com uma renda larga, tem ligas na frente e quadris e as barbas são de flanela e durável balnear.

PREÇO 3\$750

Loja do Buraco

O Diário, 1913

A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA



A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

**Bandeira nacional
republicana, detalhe**

Atelier A. Cardoso

Lisboa, séc. XX

Segundo a Família Ilustre, que a
guardou e doou ao MAH, esta foi a
primeira bandeira hasteada na
Assembleia da República

MAH2004609



1910
COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
da república

biblioteca pública
e arquivo regional
da ilha do Terceiro

E A REPÚBLICA SUCUMBIU

A encerrar esta exposição sobre a imprensa, apresentam-se alguns pontos de vista sobre os caminhos percorridos pela República. Nuns casos estão bem patentes os desânimos perante a rota que o regime seguiu, como ficou expresso n' *O Imparcial* (15.11.1921): "Os republicanos, aqueles que leal e devotamento se dedicam à causa da república, aqueles que conceberam o sublime ideal - República - na sua máxima pureza e acentuada perfeição, não podem deixar de sentir-se feridos, desgostosos ante a incúria dos nossos governos, na presença de constantes lutas dos partidos"; noutras casos, havia quem continuasse a proclamar bem alto a esperança no progresso e na regeneração do regime:



Para além do conjunto diversificado de opiniões sobre os desafios da República, importa realçar que ela sucumbiu sem que a imprensa tivesse nítida consciência dos perigos que se avizinhavam. O golpe militar executado a 28 de Maio de 1926 foi visto como mais uma revolta de militares e não como uma revolta militarista. A chegada do general Gomes da Costa, na qualidade de deportado à Terceira, foi talvez o primeiro sinal de alerta dos novos caminhos que se trilhavam.



Chegada e desembarque de Gomes da Costa
© BIRAH

E quando os liberais e republicanos democratas se preparavam para ripostar, a imprensa ia sendo abatida por um mecanismo de censura que se revelou uma arma poderosa para a consolidação da ditadura.

Nesta breve viagem pela imprensa no período da República, uma conclusão merece ser aqui destacada: os jornais tiveram, e continuam a ter, um papel imprescindível na defesa da liberdade, do pluralismo de opiniões, no progresso e no desenvolvimento da sociedade, apesar dos aspectos negativos que possam pesar sobre eles. O papel formativo que exerceu nas mais diversas circunstâncias revelou-se como uma importante escola de civismo bem ao gosto do ideário republicano.



A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA

A IMPRENSA
TERCEIRENSE NA
I REPÚBLICA

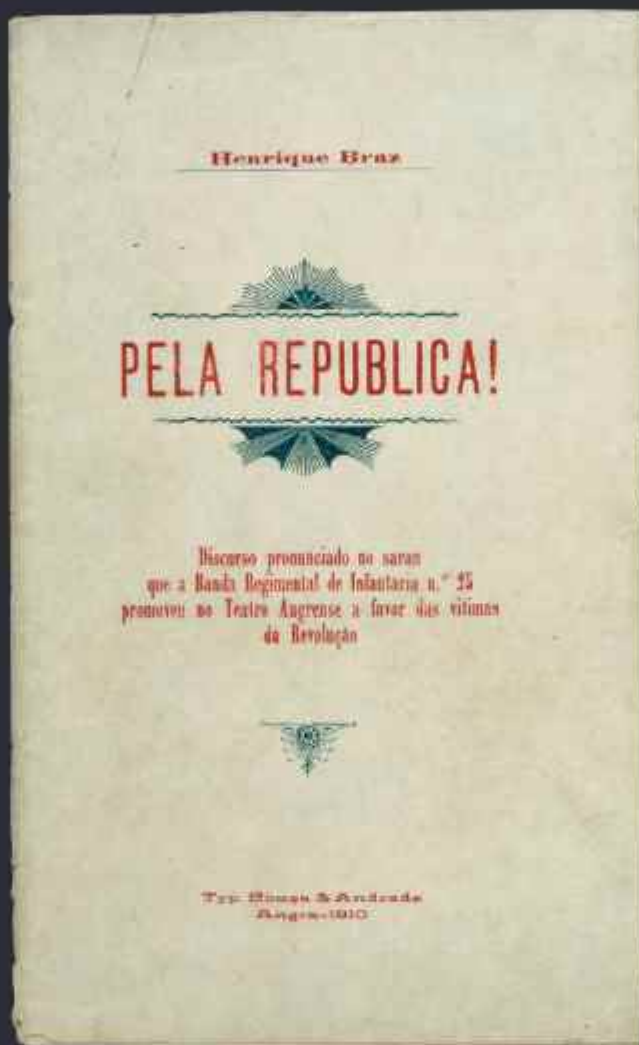
Pela República

Henrique Braz

"Discurso pronunciado no sarau
que a Banda Regimental de
Infantaria n.º 25 promoveu no
Teatro Angrense a favor das
vítimas da Revolução"

Angra do Heroísmo: Tipografia
Souza & Andrade, 1910

Museu de Angra do Heroísmo



1910
COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
de Angra do Heroísmo

biblioteca pública
& arquivo regional
de Angra do Heroísmo



**Conferências - O Livro -
Theophilo Braga**

"Conferência realizada no salão
nobre do Teatro da Paz, Belém"
Tipografia da Litografia Bittencourt
Belém do Pará, Brasil, 1911
Museu de Angra do Heroísmo



Outras publicações em exposição

O Tempo: diário da manhã

A. 5, nº 1437, Angra do Heroísmo,
Tip. O Tempo, 8 de Outubro de 1910.
Propr. Eugénio da Silva Camacho.
BPAAH/FM-219

O Athleta: folha insulana do Partido Liberal

A. 32, nº 235, Angra do Heroísmo,
Tip. Sousa + Andrade, 1 de Dezembro de 1910.
Dir. e propr. José Augusto da Silva Sampaio.
BPAAH/FM-225

O Alarme: semanário republicano

A. 1, nº 26, Angra do Heroísmo,
Tip. Sousa + Andrade, 25 de Junho de 1911.
Dir., propr. e ed. Manuel Eusébio de Sousa Júnior.
BPAAH/FM-629

A República: folha semanal

A. 1, nº 25, 25 de Agosto de 1911,
Angra do Heroísmo,
Tipografia Sousa + Andrade.
Dir., ed. e propr. Amadeu Monjardino.
Museu de Angra do Heroísmo

A União: publicação diária

A. 18, nº 5250, Angra do Heroísmo,
6 de Outubro de 1911.
Dir. e propr. Manuel Vieira Mendes da Silva.
BPAAH/FM-41

A Verdade: folha semanal

A. 1, nº 7, Angra do Heroísmo,
Tip. A Verdade, 3 de Fevereiro de 1912.
Dir. ed. e propr. Dr. José Patrício Lopes.
BPAAH/FM-166

O Diário: jornal da manhã

A. 1, nº 6, Angra do Heroísmo,
Tip. A Verdade, 8 de Novembro de 1912.
Dir., propr. e ed. José Augusto da Silva Sampaio.
BPAAH/FM-164

A Defesa: folha da União Republicana

nº 4, Angra do Heroísmo,
Tip. Sousa + Andrade, 8 de Fevereiro de 1914.
Dir., ed. e propr. António Ramos Moniz
de Sá Corte Real.
BPAAH/FM-200

O Democrata: semanário – órgão do Partido Republicano Português

A. 1, nº 10, Angra do Heroísmo,
Tip. O Democrata, 1 de Agosto de 1914.
Dir., propr. e ed. J. Dias d'Oliveira.
BPAAH/FM-234

O Trabalho: órgão das classes trabalhadoras

A. 1, nº 1, Angra do Heroísmo,
Tip. Moderna, 15 de Agosto de 1917.
Dir. e ed. Jaime de Almeida.
BPAAH/FM-270

O Povo: bi-semanário republicano

A. 1, nº 4, Angra do Heroísmo,
Tip. Insulana, 23 de Março de 1921.
Dir. e ed. António J. Mendonça.
BPAAH/FM-525

A Luta: semanário republicano independente

A. 1, nº 39, Angra do Heroísmo,
Tip. Andrade, 7 de Julho de 1922.
Dir. e propr. J. Sebastião de Ávila Júnior.
BPAAH/FM-313

Novidades: semanário republicano

A. 1, nº 1, Angra do Heroísmo,
26 de Outubro de 1922.
Dir. A. de Freitas Pimenta.
BPAAH/FM-530

Estrela d'Alva: revista literária, ilustrada e noticiosa

A. 4, nº 171, Ed. Andrade,
Angra do Heroísmo, 27 de Março de 1920.
Dir. Manuel Joaquim de Andrade.
BPAAH/FM-298



1920
COMEMORAÇÕES
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
de angra do heroísmo

biblioteca pública
e arquivo regional
de angra do heroísmo

© Os textos, fotografias e outros elementos contidos
nesta publicação estão protegidos pela lei, ao
abrigo do Código das Direitos de Autor e direitos
conexos. É interdita a cópia, reprodução, difusão e
utilização comercial dos mesmos sem autorização
expressa dos proprietários, com excepção do
direito de citações definido na lei.



AGRADECIMENTOS

Professor Doutor António Ventura, por ter autorizado a reprodução de postais
da sua valiosa colecção, que enriqueceu significativamente os painéis apresentados.

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

1910
COMEMORAÇÃO
DO CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
NOS AÇORES

museu
de arago do herófilo

biblioteca pública
e arquivo regional
de arago do herófilo

A IMPRENSA TERCEIRENSE NA I REPÚBLICA



Governo dos Açores

RESIDÊNCIA DO GOVERNADOR
Direcção Regional de Cultura

Museu de Arago do Herófilo

MAH

bp-ar
BIBLIOTECA PÚBLICA
E ARQUIVO REGIONAL

CENTENÁRIO
DA REPÚBLICA
1910-2010